

Teimosia do ferro de um lado, velocidade orgulhosa do outro. Estas esculturas habitadas de Maria Leal da Costa são então também música em potência.

*Stubbornness of the iron on the one hand, proud velocity on the other. These inhabited sculptures by Maria Leal da Costa are, therefore, potentially music.*

Gonçalo M. Tavares

Maria Leal Costa é a pessoa que encontra estas coisas dentro de outras, onde nós vemos terra informe, ela vê criação, criaturas, riscos de uma beleza insuspeitada.

*Maria Leal da Costa is the person who finds these things inside other things, where we can only see shapeless earth, she sees creation, creatures, traces of unsuspected beauty.*

Afonso Cruz

É à natureza que Maria Leal da Costa pede emprestadas as matérias necessárias a uma alquimia de gestos, pessoalíssima e intransmissível, pela qual as obras que projecta encontram o seu apuro e o seu equilíbrio.

*It is in nature that Maria Leal da Costa borrows the materials necessary to form an alchemy of gestures, very personal and unique, through which her works find their plight and balance.*

Carlos Baptista

ESCULTURA  
SCULPTURE

MARIA LEAL DA COSTA

MARIA LEAL DA COSTA

ESCULTURA | SCULPTURE



O meu trabalho é uma procura constante de Beleza, uma ferida que me empurra para a busca do infinito e do eterno que está dentro de mim. Percorrendo um caminho de felicidade.

Maria Leal da Costa

*My work is a constant search for beauty, a wound that drives me on to seek the infinite and the eternal that is inside me.*

*Treading a path of happiness.*

Maria Leal da Costa nasceu em Évora em 1964. Fez o curso de Design de Interiores da Escola António Arroio e entre 1982 e 1986 frequentou o curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Expõe os seus trabalhos desde 1994. Tem atelier na Quinta do Barreiro, Marvão, Portugal, onde vive e trabalha desde 1999.

*Maria Leal da Costa was born in Évora in 1964. She studied Interior Design at António Arroio School and between 1982 and 1986 studied sculpture at the Fine Arts College in Lisbon. She has been exhibiting her works since 1994. Her studio is located at Quinta do Barreiro, Marvão, Portugal, where she lives and works since 1999.*



CAMINHO

CAMINHO

# MARIA LEAL DA COSTA

Escultora | Sculptor

# Da graça original de Maria

(em jeito de proémio)

## O fruto

A originalidade, a capacidade inventiva e de surpresa, a graça suave e sólida, a universalidade e o apego às origens, eis traços, entre outros, que sempre ressaltaram na obra de Maria Leal da Costa. Neste já longo e produtivo caminhar entrevi alguns caracteres relevantes permanentes que, ao longo dos anos, fui salientando em diversos textos, e que nesta hora de síntese – o livro – se justifica retomar os tópicos.

Privilegiar a trajetória, depreciar o adquirido, fazer caminho andando, com uma força interior e superior, uma compulsão e uma inquietude, um estado febril de procura do fim, não o querendo verdadeiramente mas antes gozando o prazer do percurso, do ir fazendo. Admirável é o seu itinerário, sempre ascendente em arremedos de assombro e de metamorfose.

Uma firme rejeição do ordinário, do trivial, e também do espanto, da luxúria persistindo numa figuração diluída, entendível bastante, plena de simbólica e reprodutora de leituras. Este seu lado não convencional e marcadamente contemporâneo, progredindo na vida e na obra, reforçou a sua negativa ao fácil mas também ao hermético. Situou-se sempre na crítica posição de

elevação e simplicidade, o que é confirmado quer pelos airosos e sábios textos de António Cunha e Silva e quer ainda pelos densos e elucidativos de Carlos Baptista (a que se somam outros excelentes de diversos autores). Logo nas primícias um estilo assomou, uma candura formal, aparentemente antagónica com o trato frontal de matérias rijas e ásperas (pedras, ferros), diga-se, mas convertidas em elegantes formas, plenas de donaire e de nobreza. Transmuta em lhaneza obras de porte, de feitura complexa e penosa (os mundos grandes, os cavalos). O grosseiro material por vezes levita em formas joviais, que não lhe retiram potência e comoção, pois as traduzem em legibilidade (Voar, flores). Não há volubidade, porque o enlace é sólido, inalterável. É essa graça um dos traços distintivos do trabalho de Maria.

Ressalte-se ainda um aferro à terra, uma pertinácia voluntariamente visível, adoptada via materiais e temáticas, conjugada com uma cosmovisão desprendida, sem fronteiras, que lhe permite um resultado fora de portas inegável e assegurado “intramuros”.

Por fim frise-se a intensa e genésica ligação à palavra escrita. O mundo do Verbo sempre foi também o seu

mundo. Expressa-o agora, claramente, nestas últimas obras, em intertextualidade criativa e fecunda, a série “livros”, em que o dito de Cícero: “tem uma ideia clara do que queres demonstrar e encontrarás as palavras”, vem a propósito, tal como o seu reverso. Maria parte de um conceito, uma espécie de fusão entre artes, e encontra nas palavras de Sophia, de Cecília, de Gonçalo, de Camões e de tantos outros, as verdades a demonstrar. Demonstrou-as à sua maneira, em pedra e ferro, que não desmerecem das epígrafes, antes as frisam.

## A flor

Não teve Maria até este momento o livro que o seu labor justifica (vários houve mas parciais). Ele aqui está, deslumbrante nas imagens das peças, elucidativo do árduo e intenso trabalho da escultora em acção, das dezenas de locais em que a obra foi e está exposta, profícuo em textos convincentes e de qualidade de críticos e admiradores. Destaque ainda neste volume para a sua “oficina-estúdio”, a Quinta do Barriero, onde horas a fio desbasta pedra e solda metais. A quinta, basta conhecê-la, é a Maria (e, indissolúvel, o Zé Manel, claro) onde rochedos, plantas, arquitectura e as peças da escultora medram ou vivem do seu suor, da sua inspiração, do seu talento.

## A árvore

Falta a Maria, ela.

Olhando esta obra que tem nas mãos, analisando o seu percurso de vida artística, lembrando as peças em espaços públicos, as exposições inúmeras, convivendo com filhos (o João e o Pedro) e marido (José Manuel Coelho), poderíamos imaginar cenários dourados, fotogenias infandas, palcos inacessíveis, pessoas longínquas e intangíveis.

Pois não!

Como o nome, o mais português de todos, grande em tradição e emblemático, a pessoa ficou como foi ensinada e viveu até hoje: Maria.

Grato aos acasos da vida (o poeta dizia que não os há, mas sim encontros) e a desígnios imperscrutáveis, é com imenso orgulho que assino este prefácio.

Tervuren (em fim de ciclo, que Maria e Zé Manel conheceram bem), Maio de 2015

**Joaquim Pinto da Silva**

## Prefácio II

# Sobre a obra de Maria Leal da Costa e a arte da habitação

*“A civilização em que estamos é tão errada que Nela o pensamento se desligou da mão.”*

**Sophia de Mello Breyner**

Lembremos o significado e a importância dadas ao habitar por Heidegger e pensemos nas esculturas habitadas de Maria Leal da Costa. Em síntese, poderemos dizer:

1. Habitar é depositar hábitos, deixar cair no novo os velhos passos, os antigos gestos, os já tão habituais movimentos. Habitar é, pois, trazer o passado até aqui, ao sítio onde estou. Habitar é uma forma de não esquecer.
2. Habitar o novo não é afinal adaptar-me ao novo, é o inverso: é adaptar o novo a mim. É o que aí está que se tem de curvar diante das exigências antigas do meu corpo.
3. Mas talvez habitar o novo, habitar esculturas, espaços, casas, seja afinal uma luta, um conflito – tento pou-sar o que trago comigo no solo mas por vezes o novo solo rejeita tal carga. Mudar de vida, no limite, é isso: o novo solo não aceita nada do que trazias e, portanto: deixa tudo à porta, avança como alguém que acabou de perder em absoluto a memória.
4. Entre a amnésia total (o novo domina) e a invasão sem resistência (o que trago comigo domina) eis a casa nova, a nova escultura habitável; tudo aquilo em que entro e é distinto da minha velha casa.
5. Sim, isso mesmo, um conflito, uma luta. Habitar casas, habitar esculturas.

As esculturas habitadas de Maria Leal da Costa

As esculturas são em primeiro lugar uma ocupação do vazio.

Em vez do nada, ferro.

Mas o ferro não ocupa toda a pequena parte do nada que o ferro aparentemente ocupa. Ou seja, esclarecendo, o ferro ocupa o espaço antes ocupado pelo nada, mas deixa, ainda assim, muito espaço novo. E tal é a criação: o que se cria são novos espaços vazios, é isso que a escultura constrói. A ocupação do solo e do ar por pedaços de ferro é um pretexto para formar no-

vas casas, novos sítios de habitação, novos caminhos de entrada e de saída de humanos. São isto as esculturas habitadas: olhamos só para o ferro mas o essencial está no espaço entre os pedaços de ferro. No espaço de respiração humana e natural. Por ali então avança o corpo humano e a sua anatomia, e por ali avança, por exemplo, o vento.

E talvez o vento seja, aliás, um dos mais extraordinários habitantes efémeros destas pequenas habitações. O vento não fica lá, está sempre em circulação; como um hóspede que jamais se sentasse, que entrasse em movimento e não parasse um minuto dentro da casa que o recebe até ao momento em que sai ao mesmo ritmo; um hóspede em movimento. O vento faz isso: o seu movimento pelo meio da escultura parece, afinal, ter como fim último a produção de som; a produção dos sons que o ar, a uma velocidade rude, produz contra o ferro teimoso. Teimosia do ferro de um lado, velocidade orgulhosa do outro. Estas esculturas habitadas de Maria leal da Costa são então também música em potência. O ferro tem uma música natural dentro de si, ou melhor: tem infinitas notas dentro de si - e é o vento, de um lado ou do outro, com uma velocidade ou com outra, a parte da natureza responsável pela emissão final de sons. Ou seja, para ver com cuidado estas esculturas habitadas ao ar livre, para ver verdadeiramente com cuidado, é necessário ver em silêncio num dia de vento. Aí, a escultura - coisa feita para ser vista e tocada - transforma-se também em coisa para ser ouvida.

Olhos, tacto e ouvidos. Eis o que é necessário diante das potentes esculturas de Maria Leal da Costa.

“Ulisses rei de Ítaca carpinteirou seu barco

E gabava-se também de saber conduzir

Num campo a direito o sulco do arado”

**Sophia de Mello Breyner**

Há uma espécie de lavoura, em que se escava para fazer nascer vida. Ninguém imagina a quantidade de cavalos que correm por dentro das pedras, da quantidade de gigantes que se sentam dentro de bocados de terra à espera do momento em que um demiurgo, um deus momentâneo, os façam nascer num parto a ferros, os retirem do útero para a vida.

Há uma história: uma menina pergunta a um escultor como é que ele sabia que dentro daquela pedra estava um cavalo. A Maria Leal Costa é a pessoa que encontra estas coisas dentro de outras, onde nós vemos terra informe, ela vê criação, criaturas, riscos de uma beleza insuspeitada. A matéria-prima tem milénios de história, é o chão que pisamos, a madeira das árvores, os antigos elementos platónicos, o vento e a água e o fogo, que moldam o mundo. A Maria rasga a pedra como os agricultores sulcam o chão com arados, para que a terra ressuscite em algo que nos alimente. Trabalha o mundo para o transformar em comida. Este tipo de lavoura não alimenta o estômago directamente, mas o intelecto, as emoções, a cultura, a alma no seu sentido mais lato e universal. Do chão, daquilo que pisamos, nascem momentos maravilhosos, imensos, com a gravidade épica dos elementos, do ferro, do bronze, da pedra. É a elevação da matéria, a sua glória, que se se ergue em inquietante beleza telúrica, assim como o fogo se ergue da madeira morta. Capta de forma permanente a mais tenaz efemeridade do vento e da chuva e das rugas dos séculos.

Julgo que começámos a enterrar os mortos com a esperança de um renascimento, de uma ressurreição, assim como fazíamos com a agricultura ao semear e ao colher, mas é o escultor que verdadeiramente faz o milagre. Retira da matéria informe a beleza de uma nova vida, alicerçada na imaginação e na poesia. A sua lavoura é de mármore, o seu trigo é de ferro, as suas flores são milenares e imarcescíveis.

Francisco de Holanda dizia que Deus era evidentíssimo pintor, pois tinha feito a luz a partir das trevas. Era assim que se pintava, de um cenário escuro e entrevado, aparecia a luz, as formas que se escondiam nas sombras, informes como no primeiro capítulo do Génesis. A Maria faz uma espécie de anamnese platónica, um processo que não se aprende colecionando, juntando e montando pedaços, mas revelando, recordando. Faz-se retirando o excesso, como quem vai abrindo sulcos no caos até aparecer a luz, como quem se recorda de ter visto, num pedaço de ferro ou de pedra, um cavalo. Imagino a Maria em cima de um escadote a soprar nas

narinas de gigantes para lhes dar vida como Deus fez com Adão, porque essa é a única explicação que encontro para a intensa vida que lhes reconhecemos quando os contemplamos a debruçarem-se contra o céu, ou pela forma incontestavelmente carnal, onírica e ao mesmo tempo perene, com que saltaram da imaginação para serem eternos.

**Afonso Cruz**

*A poética do gesto e das formas  
A pedra é bela, opaca,  
peso-a gostosamente como um pão.  
É escura, baça, terrosa, avermelhada,  
polvilhada de cinza.  
Contemplo-a: é evidente, impenetrável,  
preciosa.*

**António Ramos Rosa**

*“A imaginação é, então, uma louca esperança de ver sem limite.”*

**Gaston Bachelard**

É à natureza que Maria Leal da Costa pede emprestadas as matérias necessárias a uma alquimia de gestos, pessoalíssima e intransmissível, pela qual as obras que projecta encontram o seu apuro e o seu equilíbrio.

A pedra e o metal, tratados isoladamente ou em harmoniosa união, são os elementos fundamentais do seu trabalho enquanto artista e carregam ambos esse simbolismo profundo que associamos às forças telúricas e às energias mais primordiais.

Se todo o artista é um demiurgo, o escultor, mais do que nenhum outro, pode reclamar essa condição, pois lida com as formas do mundo material e intervém no concreto da realidade física.

Ora, toda a obra de Maria nos remete insistentemente para esse mistério das coisas primeiras, fazendo transparecer uma emotividade definida no continuado contacto com a terra. Uma relação alimentada desde os dias luminosos da infância, em Évora, no entorno mágico da Malagueira, propriedade da família, onde o património artístico e natural se entrelaçam, fornecendo

infindáveis estímulos a uma imaginação activa e criadora, como é a de qualquer criança.

Nessa medida, é uma obra firmada numa visão solar da existência, que reiteradamente celebra a claridade do mundo e se compraz na pujança subjacente a toda a manifestação de vida. As sombras que algumas das peças misteriosamente projectam sobre os muros e recantos da Quinta do Barriero, vasto museu a céu aberto, nada possuem de sinistro ou trágico, ficam pairando entre as silhuetas das árvores e das rochas, numa mesma rotação imemorial.

Os cavalos, as aves, os peixes, as flores que povoam este universo são o indício seguro de que essas imagens de uma natureza próxima e benigna persistem alimentando a memória da artista. É, pois, natural que a elas volte repetidamente, dir-se-ia que em busca de uma significação profunda, já que constituem o magma mais durável da sua sensibilidade.

Neste retorno, o que se equaciona é a decantação do vivido e o aprofundamento da consciência individual, sem as quais toda a arte ficaria reduzida à condição de mero simulacro ou artifício planeado.

O trabalho de Maria Leal da Costa é, a este respeito, profundamente revelador, deixando entrever uma persistente

indagação daquilo que María Zambrano designou como “O Ser Escondido – a Fonte”.

Trata-se de uma demanda necessária, pela qual o artista se estabelece no centro de si mesmo e adquire esse grau de certeza que lhe permite criar e conhecer a plenitude da realização, “essa paz que se derrama do ser unido com a sua alma, essa paz que provém de sentir-se descoberto e em si mesmo” (María Zambrano).

Nas várias etapas que caracterizam o seu percurso como artista sentimos sempre presente esse grau de autenticidade que nos assegura estarmos perante um caso de alguém que, em cada uma das suas obras, dá abundantemente testemunho de si mesmo.

Mais além dos aspectos conceptuais, ou do inequívoco consequimento formal, o que nos convoca e emociona nesta escultura é, verdadeiramente, o modo como comunica uma sensibilidade própria, a reverberação poética de uma alma.

**Carlos Baptista**

*“Todas as coisas /  
/ comunicam entre si a totalidade das suas formas”*

**Fiama Hasse Pais Brandão**

Sabemos que a escultura se define na sua relação com o espaço. O escultor, ao trabalhar a obra que tem em mãos, não pode deixar de sopesar os limites espaciais no qual essa peça se inscreverá, para logo ser submetida ao olhar interrogante de quem a contempla e busca interpretar, à luz dos elementos que lhe sejam facultados.

“Mais do que cortar dentro do material, agora eu uso o material como o corte no espaço” (Carl André). Tal afirmação, na aparência surpreendente, deixa explícito esse movimento de apropriação espacial que o trabalho do escultor sempre supõe. Não se trata apenas de dar forma a um bloco de matéria, o gesto escultórico implica a sábia administração de um espaço, que se contrai ou distende em função das mudanças subtis que lhe são impostas pela mão presciente do artista.

O primeiro notório conseguimento da obra de Maria Leal da Costa talvez seja esse, a capacidade de compor figuras plenas de sentido, que nos interpelam enquanto elementos de um espaço físico e conceptual. Apercebemo-nos disso ao percorrer os terrenos da propriedade onde vive e trabalha quotidianamente: a Quinta do Barriero, um aprazível refúgio situado no seio do Parque Natural da Serra de S. Mamede.

Inúmeras peças da artista espalhadas pelos recantos da quinta suscitam leituras diversas do espaço, estabelecendo nexos intensos entre o natural e o construído, ao ponto de estes planos deixarem de ser apreendidos contraditoriamente. A síntese assim alcançada remete-nos para conceitos caros à land art, nomeadamente no ênfase dado à dimensão artística da paisagem, a qual é entendida como espaço de intervenção e parte integrante da obra.

Poder-se-ia invocar, do mesmo modo, a noção de “campo ampliado” proposto por Rosalind Krauss, estabelecido com base no pressuposto de que as fronteiras entre escultura, arquitectura e paisagem se hão-de tornar progressivamente flexíveis, permitindo uma contaminação fértil entre estas disciplinas.

Uma ideia profusamente demonstrada no equilíbrio

patente dos vários elementos que aqui se entrecruzam: arquitectura, escultura, natureza; num uníssono de sentido só possível graças à paciente e cuidada intervenção humana.

A partir desta ideia de espaço, podemos compreender melhor a dinâmica formal do trabalho de Maria Leal da Costa, na multiplicidade de estratégias e caminhos explorados ao longo do tempo pela escultora. Os passos dados no delinear de uma linguagem progressivamente mais pessoal, o amadurecimento de uma estética distintiva muito devem a esse profundo enraizamento num lugar onde a natureza impera, com as suas leis e ritmos particulares.

**Carlos Baptista**

## O Sentido do Sagrado

*“Sans Dieu, tout est cendre.”*

**Mircea Eliade**

O diálogo encetado com os universos da poesia e da filosofia, ou, numa vertente paralela a esta, a exploração de temáticas emanadas da história e dos mitos aportam à obra de Maria Leal da Costa um significativo influxo imagético. Vão, nessa medida, permitir o aprofundamento de uma pesquisa que é tanto material quanto espiritual, planos distintivos mas intermutáveis.

Na abordagem a simbologias muito específicas, como é patente nos trabalhos que se detêm sobre figuras e momentos da História de Portugal, assume-se como nevrálgica a busca de uma certa qualidade que é supra-racional, da ordem do transcendente.

“A arte foi sempre religiosa”, como nos lembra outro escultor, Rui Chafes, firmado na convicção de que “o artista exprime o instinto espiritual da humanidade” e “traduz a tensão do homem em direcção ao eterno ou a uma qualquer forma de transcendência”.

Maria Leal da Costa é uma artista que, declaradamente, possui este entendimento do trabalho criativo, em consonância com a crença que a move e com referências para si basilares, colhidas no convívio com um vasto le-

gado de matriz cristã.

Para alguém que se assume como crente, desta forma activa, o gesto de esculpir transcende a mera materialidade, imbuído de uma verdade que não é compatível com uma visão mecanicista e lógica do mundo. A este gesto, momento tantalizador de abertura ao desconhecido, não lhe interessa fixar-se no plano imediato das representações, ou encerrar-se numa qualquer fórmula transitória de consequimento.

O que está em jogo é a galvanização das energias secretas do ser, na expectativa de um instante transfigurador que ilumine de sentido a obra e a projecte numa dimensão mais vasta que aquela do presente onde transcorre e se materializa.

Arriscamos afirmar que, na arte da escultura, a matéria por excelência é o próprio tempo, esse fluxo incompreensível ao ser humano, que tudo desfigura e tudo contém. Captar um momento dessa progressão é, de algum modo, a ambição do escultor que se afadiga em torno das suas obras para que nelas se reconheça o atributo do que é durável, e se elide ao desgaste do tempo.

De alguma maneira, a arte ocupa o lugar que, por tradição, pertence à religião, contrapondo à ideia de um tempo histórico linear, de cariz profano, a ideia de tempo sagrado, cíclico, ao qual se acede por intermédio do ritual e dos mitos.

Esta dimensão religiosa, que detectamos como matricial em toda a obra de Maria Leal da Costa, é a mesma que Mircea Eliade entende ser indispensável à humanidade, de modo a defender-se daquilo a que chamou “o terror da história”, resultante da impotência sentida diante dos dados históricos registados no tempo.

Também neste caso, a arte persiste em oferecer uma resposta à necessidade de transcendência que move o comum dos homens, religando-o ao horizonte arquetípico do qual provém. De alguma forma, através da sua manifestação incessante, ela parece confirmar que não somos seres de finitude e, como o expressou Eliade, o essencial da condição humana é o sentido do sagrado.

**Carlos Baptista**

## Cavalo

1  
*Antiquíssimo arquétipo,  
talhado na pedra instintiva do começo,  
o cavalo dá-nos  
um vislumbre do divino*

*Olhá-lo, abre um horizonte novo  
e convoca aquilo que em nós  
é sede de eterno*

*– como se estivéssemos confrontando  
um espelho*

*e nele fosse nosso dever sondar  
a mais distante origem*

2  
*O cavalo emerge das trevas do tempo,  
como um semi-deus,  
e desenha a sua figura vibrante  
e torrencial,  
num permanente acordar de espanto*

*Animal de estirpe profética,  
o seu fulgor cega-nos,  
cavando essa distância que apenas o absoluto  
do desejo pode preencher;*

*Se cuidamos de nos aproximar, com infundável  
cuidado, ele vem;  
por um momento, parece responder  
ao doce apelo do humano,  
ávido de uma fraternidade esquecida*

*Tamanha docilidade, brotando do íntimo de uma natureza  
selvagem, confunde-nos,  
como um paraíso de súbito colocado ao nosso alcance  
– mas a sua índole é selvagem,  
Imprevisível*

*Por isso se afasta sempre,  
e retorna à paisagem de onde veio,  
para nela fixar a figura de assombro  
reconhecível,  
perdurando, além do que dele sabemos,  
como infundável enigma,*

*astro insubmisso*

**Carlos Baptista**

A que lugares impensáveis nos guia o voo da alma? Somos contingentes, limitados, mas vivemos paredes meias com o ilimitado, pressentimos a fecundidade do eterno. E é nessa direção que ansiamos prosseguir com todas as forças do nosso ser.

Para quem ama, tudo é matéria de espanto. As nossas obras falam dessa paixão cega, desse desejo constante de renovação, de reflorescimento. Queremos replicar o gesto genésico pelo qual a vida se iniciou, entregar o muito que acumulámos num gesto de dádiva integral.

Eis chegado o tempo da gestação. O mundo detém-se na expectativa de uma nova vida, que vem latescendo no ovo, no casulo, receptáculos nos quais se desencadeiam todas as metamorfoses.

O amor guiou-nos até aqui. "Somos as abelhas do invisível, recolhemos o mel do visível para o acumular na grande colmeia de ouro do invisível." (Rilke)  
Partimos e chegamos a cada momento.

Carlos Baptista | 2014

## Poesia e mundividência

*"É aqui que as estátuas mostram  
A necessidade sem discurso dos seus gestos"*  
Sophia de Mello Breyner Andresen

Afirmava Bachelard que "todo o conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema". Ao nos determos na contemplação de alguns dos trabalhos de Maria Leal da Costa não temos modo de evitar ser tocados por essa qualidade eminentemente poética que neles ressalta.

A modulação sensível de linhas e formas, que fluem e se interpenetram, explorando a aliança de materiais distintos – bronze, ferro, mármore –, desafia-nos a tomar parte do mistério que pressentimos latente em cada uma destas representações.

Quer se trate de elementos puramente abstractos, ou de figurações de cariz mais realista, há uma emotividade que assoma e remete para o âmago de uma experiência pessoal, forçosamente subjectiva, mas que anseia por ser partilhada, e, através dessa partilha, esclarecida, confirmada.

Como pretendia Novalis, com plena razão, "toda a descida em nós mesmos – todo o olhar para o interior" pressupõe, em simultâneo, "uma ascensão, uma vista para o verdadeiro exterior".

Há, na arte de Maria Leal da Costa, essa permanente abertura, esse ver e dar-se a ver ao outro, num sincronismo fecundo, o que acaba transparecendo sempre nas suas criações, dotando-as de um poder de interpeção a que é difícil ficar indiferente.

Elas comunicam-nos um notório grau de mundividência, que lhe permite convocar símbolos e narrativas que apelam ao reconhecimento de valores universais, e, com a mesma espontaneidade contagiante, pôr em acção as potências íntimas do sonho e da imaginação.

Não nos surpreende saber, nesta altura, que a sensibilidade da autora se vem temperando num convívio de longa data com a obra de poetas, pois todo o seu universo se nos apresenta carregado desse poder alusivo e metafórico que é próprio da poesia.

Também aqui sentimos presente a alegria de nomear, a busca de um acordo com o mundo, o desejo e a expectativa, que se vão nutrindo "na secreta nostalgia de uma festa / /Trespasada de espanto e de segredo" (Sophia).

Se a tradição da poesia se funda no sentido apurado do ritmo, na dinâmica das imagens e na sua plasticidade, não podemos deixar de assinalar estas mesmas qualidades em muitas das peças saídas da oficina de prodígios de Maria.

Um qualquer sonho de leveza e movimento, uma mesma urgência de liberdade, parecem guiar aves, bailarinas, caravelas – iluminando itinerários de uma viagem que é a do próprio ser em constante deriva.

E eis que, neste trânsito apaixonado, todas as imagens – dos animais e dos homens, da natureza e da história – misteriosamente extravasam o plano da individualidade.

de e devêm signos do universo, reflexos do imutável.

Mais uma vez se cumpre, assim, o nobre papel da arte: proporcionar aos humanos um horizonte de fascínio onde, a despeito da mentira e da insídia, possa continuar a ter lugar a “troca incessante e pura / entre o próprio ser e o espaço do mundo” (Rilke).

**Carlos Baptista**

# MARIA LEAL DA COSTA

Por

António Cunha e Silva

## ...de longes terras.

O telemóvel tocou!?

A Maria Leal lançou-me um desafio — escrever um depoimento sobre a sua obra.

A sugestão inquietou-me, fui à praia, ao mar, (pedir ajuda) porque o mar, leva, trás, e, de sete em sete ondas, lava as palavras! Sentado no areal, prescritei o mar "(...) que cenário este, o mar! Duas cores, três linhas simples e sóbrias, e no entanto que grandeza!".

Com estas palavras, Raul Brandão decifrou os mistérios do olhar e, aliciou-me. Gostava de olhar de forma "simples e sóbria" o percurso da escultora Maria Leal da Costa, mas não possui a clarividência do escritor.

Assim, como à imagem das milhentas de folhas das árvores, os artistas são solidários com a espaciologia dos lugares, das gentes, dos ritos e rituais, (da matéria) onde vivem. Por vezes, também ficam minimizados, numa só folha (!) acumulam solidões, fragilidades, e apelam mimética companhia ao seu anjo da guarda. Estabelece-se um jogo "cache-cache", de sinais privados, um condomínio fechado de emoções, sonhos e visões, só para artistas. A Maria Leal não é exceção... é a regra; solitária e solidária.

A planície, quer na sua leveza quer no seu ar pesado, habita a imagética, (lúdica e selvagem) da arte da Maria Leal da Costa, e, na etérea lonjura do fio da terra à terra batida de pé e pó, se erguem, se agitam, se misturam raízes matéricas — mármore, madeiras, ferro ou aço — abraçadas ao seu corpo.

Sem sair do lugar — ao rés do mar — o meu lado marreiro transmutou-se em seareiro e partiu à descoberta. O mar, conheço-o! Ouço-o rugir, zangado, nas noites de temporal. Outras vezes, vejo-o calmo e suspirador, a salpicar de espuma rendilhada, os enamorados. Mas, a planície, ... longes terras, onde nasce o canto da obra da Maria Leal, para mim e misteriosa nos gorgeios dos sons das mil liras das searas. Decifrar os mistérios dessa obra, é partir, "mais importante que o destino é a viagem" é zarpar, para o lado de lá do mar, viajar acomodado nas asas de uma libélula, deixar-me alumiar pelos pirilampos do caminho, acoitar-me nas tocas dos

grilos e esperar... esperar que uma sineta toque um trinado um aviso.

Nos ares teniu: fim da viagem!

Apeei-me. Na linha monótona da paisagem estava um tronco de árvore despido de ramos e folhagem, como um trono. Nele se sentava a Maria Leal, a rainha, a abelha mestra da doçura de um iluminado percurso artístico. De vôo em vôo, de obra em obra, acompanhei o seu volteio — aos cavalos, às bailarinas, às flores, aos leques, às asas dos anjos ou anjas imaginárias. Parei no espelho da sua última fase, a mística; uma melopeia lacrimosa. Maria...chorar, é melhor que rezar!

A.Cunha e Silva

## Flores...como dia em ar de Primavera

"(...) Corremos Alegrete, (Portalegre) que era digna de ver-se, com o seu tipicismo e as suas ruínas — o castelo e as muralhas. E fomos depois os três (Feliciano Falcão, José Régio e António Tavares) gozar a natureza como dia em ar de Primavera.

(...) Repousamos e conversamos num chão de mato, no meio de pedras, giestas, carqueija e joina". Não sei, (nem interessará saber) se as flores de mármore e ferro metamorfaseadas pela escultora Maria Leal, foram plantas ou colhidas na sua imagética, neste bravio jardim no "(...) dia em ar de Primavera". Sabemos, (interessará saber) que as flores de mármore executadas como sagração, floresceram e ganharam no contexto da obra da Maria Leal um lugar de privilégio, um estatuto eternizante no advir dos tempos.

Um libelo acusatório das fragâncias, (cheiros e cores) da beleza poética efémera, como se a escultora bebesse o néctar nas palavras de Sophia Andresen " As madresilvas floriavam e brilhavam/os limoeiros de folhas polidas/caiu uma folha de nespereira sobre o tanque". Maria Leal, planeou o seu jardim no universo da "Sagração da Primavera", enfeitou-se com grinaldas nos pulsos e nos cabelos e, como um belo e perfumado poiso, recebeu as borboletas, (também efémeras) e deixou-se soerguer nas folhas alvas. O vento, tangendo nas searas, alheio aos desejos de insectos e pássaros, em voz discreta balbuciou uma melopeia de pétalas brancas, ondulantes, como brisas macias. Flores de acasalamen-

to entre a “Bela Adormecida”, — flor de mármore branco — e o “Patinho Feio”, — caule de ferro ferrugento — uma variante de um conto de fadas, perfumado e suspenso como num babilónico pátio. A escultora eleita, descoberta no meio do seu jardim de Éden; azinha-gas, hortas, tapadas, rabisco de azeitonas, lenha, grilos e figos, abria as suas mãos como forma de conchas, e nelas, vinham fazer ninho os pintassilgos e as andorinhas.

Na obra de escultura da Maria Leal da Costa, as flores de mármore, resplandecem na hora das trindades, como o claro escuro, o sol e a lua na simbologia dos ciclos marianos.

**A.Cunha e Silva**

## Leques e pássaros

Desde a matina que a morrinha não levantava horizontes. Desde a matina que o movimento ritmado das varretas do limpa vidros do carro se agitavam naquele vaivem de leque. No espaço vítreo acoitavam-se nuances, infiltrações da luz do dia, que, desabrochando caprichosas variantes, desenhavam na paisagem, pássaros e leques — fantasia criativa!

Que viagem!...e eu via!

Nos pássaros e leques da escultora Maria Leal da Costa, chilreiam cantigas de abanar Portugal. Os pássaros não pousavam no vidro, espreguiçavam-se nos arbustos e folhagem, espolinhavam-se nas areias dos caminhos e nas águas paradas. E, como leques de abas multicores e abertas, voavam na espaciologia criativa da escultura da Maria “ e parece que voa, e apetece-nos abanar (...) ninguém como ela casa tão bem a terra e o ar”.

Entre leques e pássaros, como em amores inconstantes se cruzam destinos “é a minha sorte que é triste/ e não o vosso amôr, inconstante/tenho pena do leque abandonado/ e não ousa culpar o vento do outono”. De longes terras, da longínqua China, um poeta anónimo, do século XV, ditou este sentido desabafo, elegeu o leque como a sua imperatriz. De desabafo em desabafo, de Oriente a Ocidente, os poetas cantam aos leques, ouvem pássaros na paisagem e flutuam nos ventos:

Folhagem seca, de onde renasce a vida!

E, pela força encantatória deste canto  
derrama como de uma fornalha inextinguível  
cinzas e fogo, uma voz entre a humanidade.

No centro deste universo onírico de vozes ocultas e íntimas (canto) da Maria Leal, soltam-se pássaros e volteiam agitados leques, no pedido cismado de um segredo, um aviso, um sinal, um anuncio humanista. Que viagem, que fantasia! “Os verdadeiros viajantes são aqueles que partem por partir” diz Boudelaire “Aqueles cujos desejos têm forma de nuvens”. Nesta flutuação (forma de nuvem)ao mundo imaginário da obra da Maria Leal, senti-me livre e viajante do olhar, não precisava de fazer deslizar (ou travar) o carro no centro da paisagem, nem falar aos pássaros - não sou Francisco.

Em consequência de tudo isto, fiquei absorto pelo(s) leque(s) que se desenhavam e, ofereciam no espaço vítreo e, pelos pássaros de fogo colhidos nos ares. Pássaros que habitam na obra da Maria Leal da Costa, esguios, pretos, (ardósia) mas pintalgados de cores distintas, fortes e quentes. Nestas aves, a artista desafia mistérios, e colhi a resposta, no Dicionário dos Símbolos “ A tradição esotérica esboçou toda uma série de correspondências entre as aves, as cores e as pulsações psíquicas” e, nesta observação se desenvolve o aspecto que interpreto como analógico “As quatro cores principais seriam representadas pelo corvo, pássaro preto, símbolo da inteligência; pelo pavão, verde azul, símbolo das aplicações amorosas; pelo cisne, branco, símbolo (...)que gera a vida corporal(...) a fénix vermelha, símbolo da sublimidade divina(...)!

Li algures, livro antigo ou artigo recente, que a visão da mulher é mais horizontal que a do homem. A mulher desenvolveu essas qualidades no seu habitat a cuidar de tudo o que a rodeava — filhos, perigos e tarefas várias simultâneas. Precisaria do leque (digo eu...) para se refrescar. O homem, caçador por excelência, (necessidade) desenvolveu o olhar, mais no sentido do alvo — vertical — na caça, os pássaros.

Que viagem! Apesar da morrinha...que leveza!

Os leques são asas e caudas de pássaros, os pássaros agitam-se, movimentam-se como os leques. No ciclo leques e pássaros desde o alvorecer ao anoitecer, o dia vive-se na fantasia da côr e no riscar de mil arabescos de leques volteados pelos ventos alízios onde encontramos todas as Marias/leques do mundo “(...) Por trás dos leques, estão histórias de sedução, de batota, de equívocos. E de morte”, e por trás de todas as mulheres/pássaros do mundo se escondem os sonhos, como se na viagem alada, se encontra-se a decifração de um livro antigo “Viagens são ainda o relato do pássaro de Avicena”.

**A.Cunha e Silva**

## “Pégaso”, o ideal da beleza

Na coudelaria de Alter, Maria Leal (escultora/menina), expôs o tema “Cavalos” e dedica-o “recordando o meu avô Luiz, dei às minhas esculturas nomes de alguns exemplares da sua coudelaria”. Esta memória, muito profunda, fez uma viagem através de um diário antigo, um livro de emoções patrimoniais. Evocações partilhadas (avô e neta) em redor de cavalos sedosos ou suados, de pêlo lúcido ou embaciado de poeiras, expressões temperamentais; vibrantes, nervosas ou calmas. Tudo montarias nobres, educadas, afeiçoadas pelo avô Luiz - o seu herói.

Com ele, de mão dada, (escultora/menina) sentia-se guiada (às vezes bastava um dedito) e seguia-o pelos terreiros das coudelarias ou em momentos silenciosos e quietos, debruçados, cotovelos apoiados na primeira viga do redil, o redondel, o resguardo dos cavalos. O avô Luiz (o sábio) descorria sobre as características da raça “Lusitano”.

Outras vezes, sentados na bancada de tábuas de pinho sangrado, no meio do bulício das multidões de aficionados, o avô, escondia-a do sol tórrido com o seu chapéu largueirão, (parecia um halo) de felpo, preto, negro ruço, pelo uso e canícula.

Um dia, a Maria, (escultora/menina) perguntou:

— Avô, os cavalos voam?

— Tudo voa minha querida...as árvores, os pássaros, (são os primeiros) as flores, as pedras, o ferro, e, até as águas! Basta sonhar, e tudo vai ao mundo das nuvens, das estrelas e do luar.

Naquele momento mágico, Maria a (escultora/menina), foi crismada “sonhadora” e, como no livro (“A palma da mão” de Urbano Tavares Rodrigues) sentiu-se “(...) tornar de pedra estes meus olhos vulgares, capazes até de chorarem, em manhãs normais, com a dôr simples de uma criança”. Maria povoou sonhos, (os seus e os do avô) cavalos que voavam! Montou-os sem arreios, pés nus, vestido ao vento e, riscou nos ares o seu imaginário. No “Armamar” (...) de uma extraordinária energia; no notável “Rebelde” que deixou fama; no “Bombita”, do Mestre Simão da Veiga (...) enérgico (...) violento (...) mas dócil ao mesmo tempo; no “Fregoli”, filho de “Machaquito”, (...) um pura raça alter; no “Escudero” (...) forte, ágil e de boa têmpera; no “Hércules”; no “Regedor” (...) belo e nobre exemplar, que foi adquirido pelo estado para oferta à Rainha Isabel II.

Maria Leal da Costa voou munida de ferramentas e artefactos - as suas mãos pareciam varinhas mágicas! Após esta imaginária cavalgada, Maria Leal da Costa, ousada e extasiada de gestos e pulsares emocionais,

talhou cavalos na mármore, como se fora gravuras rupestres nas rochas do vale do Zêzere, e viu-se alada, alvoraçada, nas asas do mítico cavalo “Pégaso” - o ideal da beleza.

No recôndito templo da sua memória, celebrou o avô e cumpriu um voto.

A. Cunha e Silva

## Bailarinas no terreiro da dança

Os ciclos temáticos na obra de Maria Leal da Costa, sucedem-se em forma de arco-íris, surgem no céu acamados em linhas de côr desafiadoras; femininas, charmosas, perfumadas; flores de mármore róseas, leques de ardósia, e bailarinas sedutoras “dobra se el cuerpo en curvas, sensuales, como conviene al alma mediterrânea y tipicamente andaluza, ondeando por los contornos de las figuras”.

Bailarinas que vestem compridas saias como no trajair das ciganas. Por isso, nas esculturas das “bailarinas”, existe um pulsar de mundo nómada, silvestre, cigano, hispânico. Festa no terreiro da dança, (o baillo) poeira levantada pelo rodar das saias até aos pés (pés nus) que riscam sulcos nas areias.

Neste mundo-ar sem regras, os pássaros são livres (como os ciganos), os cavalos são livres (como os ciganos), os gestos e trinados das sultanas bailarinas, são nómadas libertas, a céu aberto — uma espécie de culto limpido, mas denso de mensagens. As bailarinas da Maria vestem-se de branco puro, são celestiais, que transmutação é esta? — serão monjas, serão mulheres monasterais, as dos doces conventuais.

Na verdade, reflecte-se no branco destas peças de mármore lioz de Portugal, a sedução de uma dança exorcizada no soalho, (cadeia ou cela) mãos espanholamente castanholadas no garbo arisco, e na execução de uma dança “farruca” de Manuel de Falla.

As bailarinas da Maria Leal da Costa não mostram sapatos de cetim de côr rosa, nem dançam nas pontas dos pés, nem são a Margot Fontaine a flutuar no “Lago dos Cisnes” em pas-de-deux, nem interpretam “Giselle”. As bailarinas da Maria são bailadeiras do “Baillo” salamanenco ou andaluso, mas sem vestes de côr garrida, desenhos de cornucópias, folhas de frutos silvestres e espartilhos a valorizar as ancas, atados com fitas de nastro. A escultora só talhou o ar daquela magia, o mal

dizer das palavras, e o volteado da fantasia da sedução dos folhos.

(...)

Ao longe, no infinitismo da paisagem, num sossegado lameiro entoava-se um sortilégio cante alentejano e, eis que um menino, de atalaia ao acampamento cigano, corre a avisar: *viene aí la mujer del tacone*,... *lhegou la dança!*

Maria Leal da Costa espiou que todos se reunissem à espera do ritual, junto das brasas da fogueira. Do chão saía a luz rasteira dos calores da noite soberba, assombrosa e assombrosa. Como estrelas cadentes a escultora estilizou bailarinas com sulcos espirais, que volteiam em redor da luz e levitam o peso da mármore.

A.Cunha e Silva

## Corpos etéreos

Poderemos considerar o ciclo “Corpos etéreos” como analítico/psicológico, do mundo feminino? Maria Leal da Costa, desnuda corpos de mulheres, que gravitam em habitáculos simbólicos do vazio-vácuo onde se escondem códigos ou cartilha de sinais, que ensinam caminhos secretos, como na poesia de Sophia Andresen “*sózinha caminhei no labirinto/aproximei meu rosto do silêncio e da treva/para buscar a luz dum dia limpo*”.

Estes “corpos efémeros” interpretarão gestos de bailados suspensos ou suspenses de hesitações de vida? figuras aladas suspensas ou travadas nos limites dos abismos?

Corpos ameaçados por rupturas!Quais?

Pressinto que neste ciclo “Corpos etéreos” Maria Leal se abriga no centro de um enigma! estuda-o, e no âmago do seu trabalho, do seu discurso, utiliza linguagens estéticas opostas e materiais artísticos(aparentemente) opostos —mármore, aço, e ferro. Como medianeira do conflito, fica rodeada de corpos de mulheres etéreas, prisioneiras ou livres, em espaço urbanos íntimos ou abertos, onde cada degrau ou plataforma de escada, conduz ao torvelinho espiral, de mulher fechada num círculo; imaginário labirinto, de aciprestes ou muros de giestas.

Sentido único — sinalética dos sentimentos para o caminho da elevação ou fuga das realidades/irrealidades de uma imaginária dança “...Há algo de etéreo nestes corpos, como se dançassem por eles próprios num momento de intimidade e doçura...”.

Maria Leal da Costa, artista/mulher, reco-lhe e acolhe na sua obra a mulher-mulher no centro de todas as formas, uma espécie de bailado geométrico de linha, espaços e ondas de choque: vagas de mar, arrebatadoras para o profundo, movimentos sísmicos, claustrofobias de espaços fechados; — caixas, quartos, embalagens —ou espaços abertos — trapézios, pranchas, rochas precipícios ou estruturas arquitectónicas.

A dança ou vôo destes corpos, (corpos antigos em cenários contemporâneos)libertam e riscam no espaço, gritos e desejos de um sentido para a vida e apelam domínio para os ciclos dos miedos; estranho ritual purificador para um mundo baço!

A.Cunha e Silva

## “A essência das coisas”.

### Unamuno, Espinosa e Maria Leal

Sem tino (sem destino) procurei chegar a um ancoradouro sereno onde flutuasse a leitura — exigia-se intimista — sobre o conjunto de obras denominadas “A essência das coisas - esculturas habitáveis”, os trabalhos mais recentes da Maria Leal.

Não só filósofo. Fui aos livros, está tudo nos livros! Em Miguel de Unamuno “No sentimento trágico da vida”, colhi dados indicativos para uma desejável ajuda (filosófica?).Leitura que sustenta o discurso analítico e estético assumido pela artista Maria Leal na sua subtil tarefa em louvor de “A essência das coisas”; as esculturas habitáveis, são confessionárias e mirantes.

Escreveu Miguel de Unamuno, que: “(...)o trágico poeta português Antero de Quental sonhou em dois estupendos sonetos, aos quais intitulou Redenção, que há um espírito incluso, não já nos átomos, ou nos iões ou nos cristais, mas também — e isto é bem de um poeta — no mar, nas árvores, na selva, na montanha, no vento, nos indivíduos e nas formas materiais, e que, um dia, todas essas almas, ainda nos limbos da existência, despertarão na consciência, e libertando-se, como puro pensamento, verão as formas, filhas da ilusão, criar, como um sonho vão. É o grandioso sonho de consciencialização de tudo”.Entendo que esta abordagem clareia a identidade da questão “a essência das coisas”. Assim sendo, na interpretação deste ciclo “a essência das coisas”, não me arrego ir mais longe nem mais profundo. Não sou filósofo! com tranquilidade, revejo-me nas pa-

lavras de Eduardo Lourenço “somos todos o discurso dos outros”.

O sub-tema “esculturas habitáveis”, para mim revela-se confessional de nave, mas também dialogante de mirante. Nele, Maria Leal expõe-se como um livro de memórias ou um diário. Encontramos aqui os registos das suas discussões solilóquias: “as perguntas e respostas habitam em nós. Nós somos os nossos próprios habitáculos” — um diário (solilóquio) não será uma escultura habitável? Duma maneira geral olhamos e sentimos (tacteamos) a escultura como uma matéria opaca. Ninguém (admito) se imagina a viver no seu interior, como se fôra um corpo ou uma alma!

Assim sendo, na interpretação deste ciclo de obras da Maria Leal não me arrego ir mais longe nem mais profundo. Com tranquilidade, revejo-me nas palavras e pensamento de Eduardo Lourenço “somos todos o discurso dos outros”. Não sou filósofo.

Mas, advinha-se neste desafio artístico a intenção da Maria Leal da Costa, com a série “a essência das coisas - esculturas habitáveis” : — são obras interrogativas e questionáveis.

Se as formigas olhassem o mar (digo eu) paravam de pasmadas, não andavam à carreirinha! Elejamos alegrias breves — breves tristezas e sejamos por momentos, por dádiva, a alma das esculturas habitáveis. Pare, escutem e olhem, e não sejamos apenas corpo. Nestes trabalhos, quedemo-nos cismados, como numa imagética câmara escura onde se revelam películas fotográficas, e, na escuridão do nada, recebamos do mistério da alquimia a transmutação do negativo para o positivo; e assim, se faz iluminura! Nesta dimensão as “esculturas habitáculo” são esculturas de despir e cobrir, de tirar e dar, de desnudar pensamentos ou obras inacabadas. Este ciclo, revela-se como o tapete do caminho estendido pelo convite da artista “são um desafio às emoções das nossas memórias. O que se vê de fora? O que se vê de dentro? O que se vê com os olhos? E o que se vê com o coração?”. Trata-se de um pensamento e de uma obra dirigida ao homem.

Voltando a Manuel de Unamuno o guia das minhas palavras, temos na imagem, o homem, “(...) o homem — diz-se — é um animal racional. Não sei porque é que lhe não temos chamado um animal afectivo ou sentimental. E talvez até que o que mais o diferencie dos outros animais seja o sentimento e não a razão. Mais vezes eu tenho visto um gato a raciocinar, do que a rir ou a chorar; talvez chore ou ria por dentro mas também, por dentro, talvez o caranguejo resolva equações do segundo grau. E, sendo assim, aquilo que num filósofo mais nos deve importar é o homem”. Vem isto a propósito,

porque na obra da Maria Leal, o homem revela-se em “a essência das coisas”. Afinal o homem existe, está lá dentro desde que o mundo é mundo.

Aceitemos uma deambulação (vale o que vale) : — um berço de madeira (dos antigos) apoiado em duas ripas em forma de meia-lua, não será uma escultura habitável?

Se nos deixarmos adormecer por esta canção de embalar, talvez?

A estrelinha d'alva  
Mudou de logar.  
P'ra ver a menina  
Logo ao acordar.

E a estrela da tarde,  
Trémula, a sorrir,  
Fez-se lamparina  
Para a ver dormir.

Temos neste exemplo uma menina dentro de uma estrutura escultural...de sonhar a luz das estrelas que iluminam o seu habitáculo. Mas também, um voador de verga, (dos antigos) habitáculo para meninos e meninas aprenderem a andar, não poderá ser uma escultura habitável? Uma barraca de praia de madeira e pano, não será uma escultura habitável?. E um monte de feno ou um ninho? Um espinheiro ou uma nave espacial, não poderão ser esculturas habitáveis?. E, uma galeria de arte desenhada pelo Arqtº Souto Moura ou uma igreja minimalista do Siza Vieira?

Na “essência das coisas” tudo será habitáculo, onde o mundo de fora é imundo (guerras, fomes, doenças) e, o mundo de dentro é inumdo de paixões, emoções e sonhos.

No mundo inumdo, — esculturas/mirantes — Maria Leal, reflecte-se submersa num solilóquio com o seu trabalho, “são certos gestos que me ajudam a crescer no meu conhecimento e me dão a percepção de ver melhor como é trabalhada a minha vida para me tornar plenamente feliz. (...) Nada do que começamos ficará completo”.

Mas, depois, ao mirante da sua obra, na espera do passante olheiro, a Maria Leal desenvolve um colóquio. O caminheiro é convidado a habitar ou a desabitar em “a essência das coisas”, e vai e volta, talvez nem regresse; mas aprendeu que “(...) nada do que começamos ficará completo”.

No âmago de “a essência das coisas” também nos surpreende, o espírito, o pensamento a presença/ausência de Benedito Espinosa “(...) aquele judeu português

que nasceu e viveu na Holanda em meados do séc.XVII, escreveu de toda a coisa ou ser. Miguel de Unamuno a propósito "(...) da sua ÉTICA, diz: quayue que res quatenus in se est, in suo esse perseverare conetur; (...) cada coisa enquanto existe em si, esforça-se por preservar no seu ser, isto é, enquanto considerada como substância, já que, segundo ele, substância é : id quod in se est per se concipitur; o que existe por si e por si se concebe". Obrigado a Miguel de Unamuno e a Espinosa! Não sou filósofo, nem crítico de arte, apenas fui aos livros e, em eloquentes momentos, fiz pousio no interior das esculturas da Maria Leal da Costa. Senti-me em boa companhia;

— Uma escultura habitável, parecia um novelo de lã, senti-me quente e aconchegado.

— Uma outra escultura habitável, oferecia-se à imagem de uma toranja gomeada e corada, senti-me fresco e alimentado.

— Uma escultura habitável, lembrava um túnel - TAC -, senti-me ferido e desnudado.

— Uma abóboda celeste (escultura habitável) desvendava uma imaginária capela sistina a marcar Le fin du temps — senti-me tocado.

Obrigado Maria Leal.

**A.Cunha e Silva**

## A quadratura dos ciclos

Marvão, Quinta do Barrieiro, Reveladas — nas terras sossegadas da Maria Leal da Costa, se aquele galo que cantou pelas 10 da manhã não me tivesse despertado, talvez não reparasse que o galináceo estava dentro duma quadratura, um galinheiro, uma cerca. No momento do toque frenético, repeti para mim: existe um mundo por dentro e outro por fora, mesmo para os animais (selvagens ou domésticos); para nós, os do nosso reino, nem se fala, ou será melhor não falar!

Somos como um tecido, temos dois lados, o direito e o avesso do pano. Por isso, levei a sério o aviso daquele galo trombeteiro que, sem imaginar o dito, ditava alto e bom som ao mundo:

- Quem me ouvir por fora, vê-me por dentro!

Neste ouvido de mensagens, as ondas sonoras saídas daquela crista vermelha erguida em sentinela e de bico em riste, projectava-se livremente, em círculos

acústicos, atravessavam montes e vales, serras e horizontes e, como anéis (ciclos) rememoravam dentro do castelo de Marvão a celebração da exposição as "Quatro Estações" cujo texto de reflexão de Carlos Baptista nos alerta: "os espaços eleitos têm em comum uma ambiência introspectiva e servirão agora de abrigo a um discurso, que contará uma história de paixão, retrospectiva de momentos de elevação ou de conflito, próprios do processo criativo".

Das terras da Quinta do Barrieiro, Reveladas, a escultora Maria Leal da Costa partiu à conquista do castelo, e, no vazio do cheio e no dentro do fora, toda a sua obra se balança a desvendar-se como pendões na quadratura dos ciclos ao redor da água, da pedra, do fogo e do vento. Leva-os a voz do poeta Nuno Guimarães:

Esta vontade de navegar  
Abriu teu peito, fez-te navegar  
Da pedra dura, cinzel, a sós  
Numa quimera, a cintilar  
Fizeste asas de encantar  
E no azul eu fui voar.

Os poetas ensinam-nos a voar, a ver as coisas de fora para dentro, uma fala mágica que nos cinge como cordel, nos aperta de mão dada aos sonhos de sonhar a vida, mesmo quando ela é de pedra dura ou ferro maleável. Todos temos "uma tarde de azul" disse Saúl Dias, esse poeta irmão de José Régio. Uma "tarde de azul" povoa o castelo de Marvão, a capela do calvário, o chafurdão, a cisterna grande, a torre de menagem, como o tom do azulino que se respira na cantaria.

**A.Cunha e Silva**

## Epílogo...sonhos de tactear

No percurso da obra da escultora Maria Leal entreluz néons que se infiltram nas matérias dominantes. Luminosidades, pontos de luz, que polvilham gestação de ideais e afectos, ao moldar um sonho de tactear. A obra amadureceu no calor desta luz e chegou à idade adulta, balbuciando sopros de leveza "(...) basta ver como se identifica, como sorri, quando partilha com os outros os pedaços de beleza que inventou".

A obra firma-se num sonho! Um sonho cor de mármo-

re, ou outros; de bronze, de ardósia, de ferro ou aço. Um sonho de tactear a “pedra sonho” no escuro, no bréu da noite; a rugosa, a lisa, a pura, a malhada de veios róseos, castanhos, ocres e azulis, e nessa matéria, executar o feitiço da criação e beleza, como se repetisse ao seu ouvir — a beleza sou eu e ela!

Matéria em sonho de tactear, que há-de ser viva e dinâmica para o nosso olhar, para os nossos sentimentos. Que há-de ser fluída de imensuráveis desejos de possuir uma arte de peso leveirinho e doá-la...dar é mais leve que receber! Somos nós os eleitos que recebemos esta dádiva. A obra da Maria é um sonho ao pé da mão, podemos tacteá-lo, não veio do mar como em Raúl Brandão “que cenário este o mar! Duas cores e três linhas simples e sóbrias”. O sonho da Maria não é um cenário, é escultura sólida, de tactear, tridimensional (trina e una) carregada de espiritualidade.

Sentado nas areias da praia do “Cabo do Mundo”, nestas efabulações de borboleta em volta (busca) da obra da Maria Leal, do seu sentido e itinerário criativo, fui às vozes (catálogos) e, na doçura da seara, descobri a água do mar salgado, que me foi escorrendo entre os dedos (palavras escritas) misturadas na visão raiada das cores do mármore alentejano.

Nas longes terras de Marvão, a Maria Leal vive à imagem de um tronco de raízes profundas que se insinuam, esgueiram, que se infiltram, que se agitam como galhos de védor, nas entranhas da terra no achamento da frescura e louvor da água-mater!

Mas também da pedra mais dura, do ferro mais temperado, do aço mais alquímico.

Neste combate com as forças telúricas da natureza — luta de sobrevivências — a obra da Maria nasce, ressurge no espaço como uma espécie de “Cirque du Soleil”; luz e sombra, bailarinas, trapezistas, cavalos, máscaras de vêr (por dentro) o mundo das ilusões. Flores vendidas à porta, leques oferecidos na sala e pássaros num poleiro imaginário “Il faut que l’oiseaux chante”. No bico do “l’oiseaux”, um fio flutuava a desenhar a obra da Maria e, como pêndulo marcava um tempo pasmado, que vagueia, vagabundo e cavaleiro andante...entre a rua e a lua!

**A.Cunha e Silva**

# About Maria's original grace

(in the guise of a preface)

## The fruit

The originality, the capacity for invention and surprise, the gentle and yet firm grace, the universality and the attachment to her roots, these are, among others, traits that always stood out in the work of Maria Leal da Costa. In this already long and productive path I detected some relevant and permanent features that, throughout the years, were emphasized in my various texts, and that in this hour of synthesis – the book – it is now time to recall.

To enhance the path, never taking anything for granted, to continue forward, with an inner and superior strength, a compulsion and disquiet, a feverish state looking for the ultimate end, not truly wanting to find it but rather enjoying the pleasure of the approach, of the transformation along the way. An admirable itinerary, in a crescendo of marvels and metamorphosis.

A firm refusal of the ordinary, the trivial, the sensational, the lascivious, persisting with a diluted figuration, sufficiently clear, full of symbolism and meaning. An unconventional and markedly contemporary side, progressing both in life and in her work, underlining her refusal of what is facile and hermetic. Always cultivating a critical position of elevation and simplicity, confirmed in the graceful and learned texts by António Cunha e Silva and also by the scholarly and elucidating ones by Carlos Baptista (and other excellent essays by several authors).

From the very beginning a style predominated, one with a formal candour, contradicting on the surface the frontal treatment given to rough and hard materials (stone and iron), transformed into graceful forms, full of elegance and nobility. Transmutes monumental works, of harsh and complex construction into marvels of delicacy (great worlds, the horses). The rough material sometimes levitates in jovial forms, that do not detract from their potency and commotion, still legible (Flying, flowers). There is no volubility, because the

embrace is solid, unaltered. That is the distinctive grace that characterizes Maria's work.

Always present are her links to the earth, voluntarily and adequately visible, fashioned with materials and themes, conjugated with an impartial vision of the cosmos, without frontiers, allowing for a result that can travel beyond these and also secure a place within those boundaries.

Lastly, there is a fertile and intrinsic bond with the written word. The world of the Verb has always also been her world. She expresses it now, clearly, in these last works, in a creative and deep intertextuality, in her series of "books", in which the saying by Cicero: "have a clear idea of what you wish to demonstrate and you will find the words", is relevant, just like its opposite. Maria starts with a concept, a kind of fusion between the arts, and she finds in the words of authors such as Sophia, Cecilia, Gonçalo, Camões and so many others, truths to be demonstrated in her own way, in stone and iron, that honour those texts and somewhat enhance them.

## The flower

Up to now Maria has not had the book that her work deserves (there have been many, but they were partial). Here it is now, stunning in its images of the work, elucidating the hard and intense labour that it represents, the sculptor in action, the many places where the oeuvre was exhibited, with numerous convincing and quality texts by both art critics and admirers. The places where the works is performed are also given special relevance in this volume, such as her studio-workshop, the Quinta do Barreiro, where she spends many hours fashioning stone and soldering metals. The rural property is Maria (and, of course, Zé Manel, indissoluble companion) where rocks and plants mingle with the architecture and the sculptor's pieces live, grow and develop as a result of her sweat, inspiration and talent.

## The tree

We are left with her, with Maria.

Looking at the body of work at hand, analysing the development of her life as an artist, remembering the works in public spaces, the countless exhibitions, knowing her sons (João and Pedro) and her husband (José Manuel Coelho), we could well imagine golden scenarios, countless photogenic stances, inaccessible stages, intangible and distant people.

Well no, none of that!

Bearing the most Portuguese of names, with a grand and emblematic tradition, she remains as she was taught and lives to this day, simply as: Maria.

Grateful for life's chances (the poet says there is no such thing, but rather meetings) and fateful mysteries, it is with immense pride that I sign this preface.

Tervuren (at the end of its cycle, that Maria and Zé Manuel know well), May 2015

Joaquim Pinto da Silva

Foreword II

## About the work of Maria Leal da Costa and the art of dwelling

*"The civilization that we are in is so misguided that in it thought has become detached from the hand."*

Sophia de Mello Breyner

Let's recall the meaning and the importance given by Heidegger to dwelling and think of the inhabited sculptures by Maria Leal da Costa. In synthesis, we could say:

1. To inhabit is to deposit habits, to let the old steps, old gestures, the oh so familiar movements, fall on the new. To inhabit is, therefore, to bring the past to the here and now, to the place where I am. To inhabit is a way of not forgetting.

2. To inhabit the new is not, after all, to adapt myself to the new, it is the contrary: it is to adapt the new to me. It is what is here that has to bend and give way before the old demands of my body.

3. But perhaps to inhabit the new, to inhabit sculptures, spaces, houses, is a fight, a conflict – I try to put down what I bring with me on the soil, but sometimes the new soil rejects such a burden. To change one's life is, in the end, just that: the new soil accepts nothing that you bring, and therefore: you leave everything on the threshold, go forward like someone who has completely lost their memory.

4. Between total amnesia (the new dominates) and the invasion without resistance (what I bring with me dominates) is the new house, the new habitable sculpture; everything that I enter and that is different from my old house.

5. Yes, that is correct, a conflict, a fight. To inhabit houses, inhabit sculptures.

The inhabited sculptures by Maria Leal da Costa

The sculptures are first and foremost the occupation of a void.

Instead of nothingness, there is iron.

But the iron does not occupy completely the small part of nothingness that it apparently occupies. That is, clarifying, the iron occupies the space that was filled before by nothing, while leaving, nevertheless, a great deal of new space. And such is creation: what is created is new empty spaces, that is what the sculpture builds. The occupation of the soil and of the air by pieces of iron is a pretext to form new houses, new places of habitation, new ways of entry and exit by humans. That is what inhabited sculptures are: we look only at the iron, but the essential lies in the space between the pieces of iron. In the breathing space that is human and natural. That is where the human body and its anatomy advance, and where, for example, the wind goes forth.

And, moreover, the wind is one of the most extraordinary inhabitants of these small dwellings. The wind does not stay put, it is always on the move; like a tenant that never sits, that moves incessantly and does not stay still for a minute inside the house that is welcoming him, until the moment he leaves at the same rhythm; a roving tenant. The wind does that: its movement through the middle of the sculpture seems to have, after all, no other finality than the production of sound; the production of sounds that the air, with its untamed speed, produces against the stubborn iron. Stubbornness of the iron on the one hand, proud velocity on the other. These inhabited sculptures by Maria Leal da Costa are, therefore, potentially music. The iron has a natural music within itself, or rather: has an infinitude of notes inside it – and it is the wind, going hither and thither, with varying speeds, that is the part of nature responsible for the sounds. Meaning that, to look carefully at these inhabited sculptures standing in the open air, to really look closely at them, it is necessary to do so

in silence on a windy day. That is when the sculpture – a thing made to be seen and touched – is transformed into a thing that can also be heard.

The eyes, the touch and the ears. That is what is needed when standing before the powerful sculptures by Maria Leal da Costa.

*“Ulysses king of Ithaca built his boat  
And boasted that he also knew how to dig  
A straight groove with his plow in a field”*  
**Sophia de Mello Breyner**

### Foreword III

There is a kind of harvest, one in which one digs to create life. Nobody imagines the number of horses that run inside stones, the quantity of giants that sit inside pieces of earth waiting for a magus, a momentary god, to give them an assisted delivery with iron implements, bringing them forth from the uterus to life.

There is a story: a little girl asks a sculptor how did he know that inside the stone was a horse. Maria Leal Costa is a person who finds things inside other things, where we can only see shapeless earth, she sees creation, creatures, traces of unfound beauty. The raw material has a history that goes back millennia, it is the earth that we tread, the wood from the trees, the old platonic elements, wind, water and fire, that shape the world. Maria tears the stone like farmers toil the earth with their plows, for the soil to resuscitate into something that feeds us. Working the world to transform it into nourishment. That type of harvest does not feed the stomach directly, but rather the intellect, the emotions, culture, the soul in the broadest and most universal sense. From the soil that we walk on the most marvelous moments are born, huge, with the epic gravity of the elements, of iron, bronze, stone. It is the elevation of matter, its glory, that rises with disturbing telluric beauty, like fire springs from dead wood. It captures in a permanent and most tenacious way the ephemeral quality of the wind, the rain and the wrinkles of the centuries.

I believe that we started burying the dead with the hope of a renaissance, a resurrection, just like we did with agriculture while sowing and harvesting, but is the sculptor who truly operates a miracle. Taking from shapeless matter the beauty of a new life, anchored in the imagination and in poetry. This harvest is made of

marble, its wheat is made of iron, and its flowers are millennia-old and imperishable.

Francisco de Holanda said that God was evidently a painter, for he created light from darkness. That is how painting happened, from a dark and shadowy setting, light appeared together with the forms that hid in the shadows, shapeless as in the first chapter of Genesis. What Maria practices is a kind of platonic anamnesis, a process that cannot be learned by collecting, fitting pieces together and constructing them, instead she reveals and remembers. It is done by removing excess, like someone opening grooves in chaos until light is found, someone who remembers having seen, in a piece of iron or some stone, a horse.

I imagine Maria on top of a stepladder blowing into the nostrils of Giants to give them life, as God did with Adam, because that is the only explanation I can find for the intense life they are endowed with, that we recognize when we contemplate them leaning against the sky, or by the way that is so undeniably carnal, poetic and yet eternal, that they jump from the imagination to eternity.

**Afonso Cruz**

*The poetry of the gesture and forms  
The stone is beautiful, opaque,  
I cherish it like a tasty loaf of bread.  
It is dark, dull, earthy, reddish,  
sprinkled with gray.  
I behold it: It is evidently impenetrable,  
precious.*

**António Ramos Rosa**

*“Imagination is then a mad hope of seeing without limit.”*  
**Gaston Bachelard**

It is in nature that Maria Leal da Costa borrows the materials necessary to form an alchemy of gestures, very personal and unique, in which the works are projecting your plight and your balance.

The stone and metal, treated alone or in harmonious union, are the key elements of her work as an artist and carry both the deep symbolism that we associate with earthly forces and the most primordial energies.

The sculptor, more than any other artist, can claim to be a creator because he deals with the material world and manipulates the concrete forms of physical reality.

Now all the work of Maria insistently brings us back to the mystery of the first things, disclosing an emotion that is defined by the continued contact with the earth. A relationship fed from the bright days of childhood in Evora, and in the magical surroundings of Malagueira, the family estate, where the artistic and natural heritage intertwine, providing endless stimuli to her creative imagination.

To that extent, it is the work embedded in a bright vision of existence, which repeatedly celebrates the light of the world and delights in bringing out the underlying strength of each of the manifestations of life. The shadows that some of the pieces mysteriously projected on the walls and corners of Quinta do Barriero, the vast open-air museum, have nothing sinister or tragic, they are hovering between the silhouettes of trees and rocks, in an eternal rotation.

Horses, birds, fish, and flowers that populate this universe continue to feed the inspiration of the artist. It is entirely natural that these images come back repeatedly and tell of her search of a deeper significance, since they are at the core of her long-lasting sensitivity.

Their presence equates to a distillation of living things through the deepening of her individual consciousness, without which all art would be reduced to mere imitation or superficial artificiality. The work of Maria Leal da Costa is deeply revealing, amounting to what María Zambrano designated as "Being Hidden – the Source".

This is a necessary demand, for which the artist establishes himself in the center and achieves that degree of certainty that allows him to create and ascertain the full extent of her achievement, "this peace that flows from being united with your soul, this peace that comes from discovering himself". (María Zambrano)

At various stages of your journey as an artist, we find this degree of authenticity that assures us that we are witness somebody who, in each of her works, gives plenty testimony of herself.

Beyond the conceptual and unambiguous formal attainment, which speaks to us through this exciting sculpture, is something that truly communicates its

own sensitivity, corresponding to the poetic reverberation of the soul.

**Carlos Baptista**

*"All things /  
/ are in communication through the totality of their forms"*

**Fiama Hasse Pais Brandão**

We know that sculpture is defined through its relationship with space. The sculptor cannot fail to consider the spatial limits in which his piece is going to be shown and where it is submitted to questioning gaze of the beholder in search of an interpretation.

"More than cutting into the material, I now use the material as if cutting through space" (Carl André). This statement, which may seem surprising, explains the spatial appropriation of a movement that the sculptor's work always implies. It is not only about shaping a material block, the sculptural gesture implies the wise use of space that shrinks or expands, according to the subtle changes that are imposed by prescient hand (ordering action) of the artist.

As we walk through the pleasant property where she lives and works daily – the Quinta do Barriero – which is located within the natural park of Serra de São Mamede, we are immediately confronted with the fact that Maria Leal da Costa has achieved to create figures full of meaning that challenge us through their physical and conceptual space.

Countless pieces are spread across the courtyards and meadows, generating multiple readings of the space and establishing intense links between the natural and the built, to the point where these levels are no longer contradictory. The synthesis thus achieved reminds us of concepts that are cherished in land art, namely in the emphasis given to the artistic dimension of the landscape, which is understood as the space of intervention where the artist's work is integrated into.

Power would invoke the same way, the notion of "expanded field" proposed by Rosalind Krauss, established based on the assumption that the boundaries between sculpture, architecture and landscape are to become

increasingly flexible, allowing a fertile contamination between these disciplines.

In the same way one could invoke the notion of the “amplified field” proposed by Rosalind Krauss, which is based on the assumption that the boundaries between sculpture, architecture and landscape must we become increasingly flexible, allowing a cross-fertilization between these disciplines.

The new balance of various elements of architecture, sculpture, and nature has been achieved here thanks to her patient and careful human intervention. We can better understand the dynamics of Maria Leal da Costa’s work in the multitude of spatial strategies exploited by her over time. The conception and execution of her works, the steps taken in the outline of a progressively more personal language, the preference for certain aesthetical options derive from this deeprooted space where nature reigns with its very own laws and rhythms.

**Carlos Baptista**

## The Meaning of the Sacred

*“Sans Dieu, tout est cendre.”*

**Mircea Eliade**

The dialogues between the worlds of poetry and philosophy, or, in a parallel dimension, the exploration of the themes of history and myths, bring to the work of Maria Leal da Costa a significant influx of imagery. They call for a deepening of understanding, that is both material and spiritual.

In addressing specific symbols, as is evident in her sculptures that are related to figures and moments in the History of Portugal, one can assume that they are in search of a certain quality that is supra-rational, of transcendent order.

“Art has always been religious,” we remember another

sculptor Rui Chafes as saying, grounded in the belief that “the artist expresses the spiritual instinct of humanity” and “translates man’s tension towards the eternal or some form of transcendence”. (Rui Chafes)

Maria Leal da Costa is an artist who clearly has a similar understanding of her creative work, which makes many references to the vast legacy of Christian heritage.

As a active believer, her gesture of carving transcends mere materiality, imbued as it is with a truth that is at odds with a mechanical view of the world and logic. In her gestures, the tantalizing moment of opening to the unknown, she is not interested to imitate what is on front of her eyes, or close herself in a no transitional achievement.

What is at stake is the galvanizing of the secret energy of being, in anticipation of a transfiguring moment that will enlighten the meaning of the work and project it into a wider dimension than the present where it takes place and where it materializes.

We dare say that in the art of sculpture, the subject is time itself, this flow incomprehensible to the human being, which disfigures everything and contains everything. Capturing a moment in this progression is indeed the ambition of the sculptor who toils in order to recognize an attribute that is durable, and escapes the erosion of time.

Somehow, her art occupies a place that traditionally belongs to religion, opposing the idea of a linear historical time of profane nature, she poses the idea of sacred time, cyclical, to which we can ascend through the ritual and myth.

This religious dimension, that we can detect in all the work of Maria Leal da Costa, is the same that Mircea Eliade considers essential to humanity, in order to defend itself from what he called “the terror of history”, resulting in feelings of impotence.

Her art continues to offer a response to the need for transcendence that moves the common men, reconnecting him to the archetypal horizon from where he originates. Somehow she seems to confirm that we are not mortals and that, like Eliade said, the essence of the human condition is the sense of the sacred.

**Carlos Baptista**

# Horse

1

*Ancient archetype,  
carved on the instinctive primordial stone,  
the horse offers us  
a glimpse of the divine*

*Gazing at it, opens a new horizon  
and evokes within us that which  
is a thirst for the eternal  
– as if we were confronting  
a mirror*

*and in it our duty was to probe  
the most distant origin*

2

*The horse emerges from the darkness of time,  
like a demi-god,  
and draws its figure vibrant  
and torrential,  
in a permanent awakening of awe*

*Animal of prophetic lineage,  
its brilliance blinds us  
carving that distance that only the absolute  
desire can fulfil;*

*If we take care to come close, with infinite  
caution, it comes;  
seeming to respond, for one moment  
to a tender human call,  
eager for a forgotten fraternity*

*Such docility, springing from the depth of a wild  
nature, confounds us,  
as a Paradise suddenly within our reach  
– but its true nature is untamed,  
Unpredictable*

*So it always goes away,  
returning to the landscape whence it came,  
to stamp it with its astonishing figure  
recognisable,  
perennial, beyond our knowledge of this  
unending enigma,*

*rebellious star*

To which unthinkable places are we guided by the flight of the soul? We are contingent, limited, but we live next door to the unlimited, we foresee the creative power of the eternal. And this is the direction that we yearn to proceed with all the forces of our being.

For those who love, everything is a matter of astonishment. Our works speak of this infatuation, this constant desire for renewal, revival.

We want to replicate the genesis gesture by which life began, delivering much we have accumulated in a gesture of full donation.

This is the time of pregnancy. The world focuses on the expectation of a new life that comes pulsing in the egg, in the cocoon, receptacles

in which all metamorphoses happen.

Love led us here. "We are the bees of the invisible, collect honey from the visible to accumulate in the large golden hive of the invisible" (Rilke).

We depart and we arrive at every moment.

Carlos Baptista | 2014

## Poetry and Worldview

*"This is where the statues show  
The necessity of their gestures without speech."*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Bachelard stated that "all knowledge of the intimacy of things is immediately a poem." When we contemplate some of the work of Maria Leal da Costa, we are inevitably touched by that poetic quality that lives within them.

The sensitive modulation of lines and shapes that flow and intertwine, exploring the alliance of different materials – bronze, iron, marble – challenges us to take part of the mystery that permeates each of these representations.

Whether they purely abstract elements, or more realistically oriented figures, there is a looming emotion and relates to the core of a personal experience, necessarily subjective, but longing to be shared, and through sharing clarified and confirmed.

Carlos Baptista

Novalis stated with good reason that “the whole descent into ourselves – all looking inward” assumes, simultaneously, “an ascension, a vision of the reality outside.” In the art of Maria Leal da Costa one finds a permanent opening, seeing and being seen by the others in a fruitful symbiosis, which ultimately ends up making her creations transparent and providing them with a power to which it is difficult to remain indifferent.

They communicate in a worldview that allows us to summon symbols and narratives that appeal to a recognition of universal values, and with an infectious spontaneity, to put into action the intimate power of dreams and imagination. Not surprisingly we find that her sensitivity comes from a longstanding association with the work of poets, for her entire universe is loaded with an allusive and metaphorical power that is in fact poetry itself.

We can feel her joy of naming, the search for an agreement with the world, the desire and expectation, which are being fed in “the secret nostalgia for a feast / transfixed with amazement and secrecy” (Sophia).

If poetry is traditionally founded on an accurate sense of rhythm, and the dynamics of images and their plasticity, we inevitably notice these same qualities in many of the pieces that come out of Maria’s workshop.

Any dream of lightness and movement, the urgency for freedom that often seems to guide birds, dancers, and corvettes – illuminates the route of a journey that is constantly adrift. And indeed, in this passionate transit, all images – of animals and men, nature and history – mysteriously go beyond the plane of individuality and show us signs of the universe, the unchanging reflexes.

Again is fulfilled the noble role of art: to provide an alluring human horizon where, despite the lies and treachery, can continue to take place an “incessant and pure exchange / between being itself and the space the world” (Rilke).

**Carlos Baptista**

# MARIA LEAL DA COSTA

by

António Cunha e Silva

## From lands afar...

The mobile rang. Maria Leal da Costa set me a challenge – to write a testimonial about her work.

This suggestion disturbed me, I went to the beach, the sea, asking for help, because the sea takes, brings, and every seventh wave, washes the words! Sitting on the sand, I looked into the sea “What a scenario, the sea! Two colours, three simple and sober lines and yet that greatness.” With these words, Raul Brandão deciphered the mysteries of the look and allured me. I would like to look in a “simple and sober” way the course of the sculptor Maria Leal da Costa, but I do not have the clear-sightedness of the writer.

Thus, just as the thousands of tree leaves, the artists are solidary with the spirit of the places, the people, the rites and rituals of where they live. Sometimes they also become minimized, on one single sheet they accumulate solitudes, weaknesses, and they appeal mimetic company to their guardian angel. It sets up a “hide and seek” game, of private signals, a gated community of emotions, dreams and visions, only for artists. Maria Leal is no exception ... she is the rule; lonely and solidary.

The plain, either in its lightness or in its heavy appearance, dwells in the imagery (playful and wild) of the art of Maria Leal da Costa, and, in the great ethereal distance from the horizon to the soil pressed by feet and dust, material roots rise, stir, mix - marbles, woods, iron or steel - embraced to its body.

Without leaving the place – at sea level - my seaman side transmuted into tiller and departed to discovery.

The sea, I know it! I hear its roar, angry, in the nights of storm. Other times, I see it calm and sighing, splashing the lovers with lacy foam. But the plain, distant lands, where the singing of the work of Maria Leal da Costa starts, is a mystery for me that comes from the warbling of the sounds of a thousand lyres of cornfields. Deciphering the mysteries of this work is to depart - “more important than the destination is the journey” is to set sail, to the other side of the sea, travelling accommodated on the wings of a dragonfly, to let me be illuminated by the fireflies of the way, protect myself

in the burrows of crickets and wait ... wait for a bell to ring a trill, a warning.

A sound in the air: end of journey!

I alighted. On the monotonous line of the landscape there was a tree trunk, stripped from its branches and foliage, like a throne. On it sat Maria Leal, the queen, the queen bee of sweetness of an enlightened artistic journey. From flight to flight, from work to work, I followed her vaulting - the horses, the dancers, the flowers, the fans, the wings of imaginary angels. I stopped in the mirror of her last phase, the mystic; one tearful tune. Maria ... to cry is better than to pray!

## Flowers ... as a day in Spring

" We went through Alegrete (Portalegre) which was worthy of being seen with its typicism and its ruins - the castle and the walls. And then the three of us went (Feliciano Falcão, José Régio and João Tavares ) to enjoy the nature as a day in Spring. We rested and talked on a brushwood ground , amidst stones, brooms and shrubs".

I do not know (nor will it be of interest to know) if the marble and iron flowers metamorphosed by the sculptor Maria Leal da Costa , were plants or were simply harvested in her imagery, in this wild garden on "a day resembling Spring ", as Feliciano Falcão claims it. We know (it will be of interest to know) that the marble flowers made as a consecration, flourished and gained, in the context of the artist's work , a place of privilege, an eternal status in the coming times.

An indictment of fragrances (scents and colours) of the poetic ephemeral beauty, as if the sculptor drank the nectar in the words of Sophia "The woodbines bloomed and shined / the lemon trees with polished leaves / a leaf of the loquat tree fell over the tank" .

Maria Leal, planted her garden in the universe of "The Rite of Spring", graced with wreaths on her wrists and hair and, as a beautiful and fragrant resting place, she offered herself to butterflies, (also ephemeral) and let herself rise on the white leaves. The wind, playing on the cornfields, oblivious to the wishes of insects and birds in discrete voice stammered a tune of white petals, undulating, as smooth breezes. Flowers of mating between the "Sleeping Beauty" - flower of white marble - and the "Ugly Duckling "- stem of rusty iron - a variant of a fairy tale, fragrant and suspended as in a babylonian courtyard. The elected sculptor discovered

in the middle of her Eden garden : "country lanes, vegetable gardens, parks, scrawl of olives, wood, crickets and figs, opened her hands in a shell like way, and finches and swallows came to nest in them.

In the sculpture work of Maria Leal da Costa, the flowers of marble, shine in trinities time, such as light and shadow , the sun and the moon in the symbolism of the marian cycles.

## Fans and birds

Since early morning did the drizzle not rise. Since early morning did the rhythmic movement of the windscreen wiper rods wave like a fan. Nuances whipped up on the vitreous space, infiltration of daylight that blooming capricious variants, drew birds and fans on the landscape - creative fantasy! What a trip ... and I was seeing!

No birds landed on the glass, they stretched in the bushes and foliage, rolled on the sands of the paths and the still waters. And, like fans with multicoloured and opened brims they flew in the creative space of the sculptor Maria Leal da Costa "and they seem to fly, and we feel like waving (...) no one unites the land and the air so well as she does."

In the birds and fans of the sculptor Maria Leal da Costa chirp songs to lull Portugal. Among fans and birds, as in inconstant loves, destinations are intersected "it is my luck that is sad / and not your love, inconstant / I feel sorry for the abandoned fan / and I dare not blame the autumn wind" .From distant lands, the far away China, an anonymous poet of the fifteenth century, dictated this sad relief, he elected the fan as his empress. Outburst in outburst, from East to West, the poets sing the fans, hear birds and float in the winds:

*Dry foliage, where life is reborn!  
And, by force of this enchanting singing  
Pours like an unquenchable furnace  
ash and fire, a voice among mankind.*

In the center of this dreamlike world of hidden and intimate voices birds get loose and agitated fans turn round, in the brooding request for a secret, a warning, a sign, an humanist declaration. What a trip, what fantasy! Baudelaire says "The true travellers are those who depart only to go, those whose desires are shaped like clouds." In this fluctuation (cloud shape) to the imaginary world of the work of Maria Leal da Costa, I felt

free and travelling through the eyes, I did not need to drive (or brake) the car in the center of the landscape, or talk to the birds – I am not Francisco.

In consequence to all this, I was absorbed by the fan (s) drawn and offered on the vitreous space and by the birds of fire collected in the air. Birds that inhabit the work of Maria Leal da Costa, slender, black (slate) but mottled with distinct colours, strong and warm. In these birds, the artist challenges mysteries, and I took the answer from the Dictionary of Symbols "The esoteric tradition outlined a series of correspondences between the birds, the colours and the psychic pulsation" and this observation develops the aspect that I interpret as analogic" the four main colours would be represented by the crow, the black bird, the symbol of intelligence; by the peacock, blue green, the symbol of amorous applications; by the swan, white, the symbol (...) that generates the living body (...) by the red phoenix, the symbol of divine sublimity"

I read somewhere, ancient book or recent article, that the woman's vision is more horizontal than man's. The woman developed these qualities in her habitat taking care of everything around her - children, dangers and several simultaneous tasks. She would need the fan (I say ...) to refresh herself. The man, hunter par excellence, (a need) developed the look more towards the target - vertical - in hunting, the birds.

What a trip! Despite the drizzle ... what lightness!

The fans are wings and tails of birds, the birds stir up, move like the fans. In birds and fans cycle from dawn to night fall, the day is lived in the fantasy of colour and in the scratchig of a thousand arabesques of fans turned round by the trade winds where we find all women / fans of the world: "Stories of seduction, of cheating, of equivocation are behind the fans. And of death ", and behind all women / birds of the world dreams are dissimulated, as if the winged trip is Avicena's deciphering " Travels are also the report of the bird. "

## Pegasus , the ideal of beauty

At the stud of Alter, Maria Leal (sculptor / girl), presented the theme "Horses" and dedicates it "remembering my grandfather Luiz, I gave the names of some of his horses to my sculptures". This deep me-

mory made a journey through an old diary, a book of patrimonial emotions. Shared evocations (grandfather and granddaughter) about silky or sweaty horses, with shiny hair or covered with dust, moody expressions; vibrant, nervous or quiet. All of them noble animals, educated, attached to grandfather Luiz - their hero.

With him, hand in hand, (the sculptor / girl) felt guided (sometimes a single finger was enough ) and followed him through the yards of the stables or in silent and quiet moments, leaned, the elbows on the first beam of the horses fold, the redondel, the horses protection. Grandfather Luiz (the sage) discoursed on the characteristics of the " Lusitana" horse race.

Other times, sitting on the pine boards bench, amid the noise of the crowds of enthusiasts, grandfather protected her from the burning sun with his large hat, (it looked like a halo) of shag, black, faded black, from the use and heat.

One day, Maria (the sculptor / girl) asked:

- Grandfather, do horses fly?

- Everything flies my dear ... the trees, the birds, (are the first) flowers, stones, iron, and even the waters! Just dream, and everything goes to the world of clouds, stars and moonlight.

At that magical moment, Maria (the sculptor / girl), was confirmed as a "dreamer" and, like in the book ("A palma da mão" by Urbano Tavares Rodrigues) she felt " to turn my common eyes into stone, even capable of crying, in normal mornings, with the simple pain of a child". Maria filled her dreams (hers and her grandfather's) with flying horses! She rode them with no trappings bareback, shoeless, dressed in the wind she traced in the air her imagination. In "Armamar" (...) an extraordinary energy; the remarkable "Rebelde" who left fame; in "Bombita" of master Simão da Veiga (...) lively (...) violent (...) but gentle at the same time; in "Fregoli" son of "Machaquito", (...) an Alter thoroughbred; in "Escudero" (...) strong, agile and good tempered; in "Hercules"; in "Regedor" (...) beautiful and noble specimen which was acquired by the State to offer to Queen Elizabeth II.

Maria Leal da Costa flew equipped with tools and artefacts - her hands were like magic wands! After this imaginary ride, Maria Leal da Costa, fearless and ecstatic with gestures and emotional pulsars, carved horses in marble, as if they are rupestral engravings on rocks in the Zêzere valley, and found herself winged, anxious, on the wings of the mythical horse "Pegasus "- the ideal of beauty.

In the secret temple of her memory, she celebrated her grandfather and fulfilled a promise.

## Dancers in the yard

The thematic cycles in the work of Maria Leal da Costa succeed one another in a rainbow like way, they come to light in the sky bedridden in lines of challenging colours; feminine, charming, fragrant; pink marble flowers, slate fans, and attractive dancers "dobra se el cuerpo en curvas, sensuales, como conviene al alma mediterránea y típicamente andaluza, ondeando por los contornos de las figuras."

Dancers wearing long skirts like the dresses of gypsy women. That is why, in the sculptures of "dancers", there is a vibration of nomad world, wild, gypsy, Hispanic. Dance party in the yard, dust risen by the rotating of the skirts reaching the feet (bare feet) scratching grooves in the sand.

In this world-air with no rules, the birds are free (as gypsies are), the horses are free (as gypsies are), the gestures and trills of sultana dancers, they are nomads liberated in the open air - a kind of limpid worship but full of messages. Maria Leal da Costa's ballerinas are dressed in pure white, they are heavenly. What kind of transmutation is this, are they nuns, are they prophet women, those of the convent sweets?

Actually, the seduction of a dance exorcised on the floor is reflected in these pieces of white marble limestone, (prison or cell) hands like castanets due to its garb, and performing a dance "farruca" by Manuel de Falla .

The ballerinas of Maria Leal da Costa do not use pink satin shoes, or dance on tiptoe, nor are Margot Fontaine floating in "Swan Lake" in a pas-de-deux, or interpreting "Giselle". Maria's dancers are dancing girls of andalusian "Baïllo" but without bright coloured dresses, decorated with cornucopias or leaves of berries and corsets enhancing the hips, tied with ribbons. The sculptor only carved the air of that magic, the wrong way of speaking the words, and the movement of fantasy of the seduction of frills.

Far away, in the infinite of the landscape, in a quiet marsh the sortilege of a song of Alentejo was intoned and, suddenly a boy, on guard of the gypsy camp, runs warning: viene ahi la mujer del tacone ... Llegó la danza!

Maria Leal da Costa spied that all gather waiting for the ritual, near the embers of the fire. From the soil came the creeping light of the heating of the superb night, haunted and haunting. The sculptor stylized dancers like shooting stars with spiral grooves, which go round the light (white butterflies) and levitate the weight of the marble.

Can we consider the cycle "ethereal bodies" as analytical / psychological, of the feminine world? Maria Leal da Costa strips women bodies which gravitate in symbolic dwellings of the emptiness-vacuum where codes or signs are hidden, teaching secret paths, as in the poetry of Sophia: "I walked alone in the labyrinth / I approached my face to silence and darkness / to search the light of a clear day".

Will these "ephemeral bodies" interpret gestures of dance of the hesitations of life, winged figures suspended or caught on the edge of the abyss?

Bodies threatened by disruptions... Which?

I feel that in this cycle, "Ethereal bodies" Maria Leal da Costa takes shelter in the centre of a puzzle. She studies it, and at the heart of her work, of her speech, she uses opposite aesthetic languages and opposed (apparently) artistic materials - marble, steel, iron. As mediator of the conflict, she is surrounded by bodies of ethereal women, prisoners or free women in intimate urban spaces or open spaces, where each step or landing leads to the spiralling whirlwind of a woman closed in a circle, imaginary labyrinth of cypresses or walls of broom.

One way - signs of feelings for the way of elevation or escape from the realities / unrealities of an imaginary dance: "There is something ethereal in these bodies, as if they were dancing by themselves in a moment of intimacy and sweetness ...".

Maria Leal da Costa, artist / woman, collects and welcomes in her work the woman-woman at the centre of all the forms, a kind of ballet tracing geometric lines, spaces and shock waves: sea waves , sweeping into the deep , seismic movements; claustrophobia - boxes, bedrooms, packaging; or open spaces - trapezes, planks, rocks, precipices or architectural structures.

The dance or the flying of these bodies (ancient bodies in contemporary scenery) releases and scratches on the space cries and wishes of a meaning for life and appeal to the end of the domain of fears. Strange purifying ritual to a dull world!

## "The Essence of Things" — Unamuno, Espinosa and Maria Leal

With no sense (no destiny) I tried to reach a peaceful anchorage where the reading floats, which is

required to be intimate on the set of works called "The essence of things - inhabitable sculptures," the latest work of Maria Leal da Costa.

I am not a philosopher, I resorted to the books, and everything is in the books! In Miguel de Unamuno, Tragic sense of life, I picked propitious data for a desirable aid. Reading that supports the analytical and aesthetic discourse assumed by the artist Maria Leal da Costa in her subtle task in praise of the "essence of things"; the inhabitable sculptures are confessional and viewpoints.

Miguel de Unamuno wrote that "the tragic Portuguese poet Antero de Quental dreamed in two stupendous sonnets, which he entitled Redemption, that there is an enclosed spirit, no longer in atoms or ions or in crystals, but also - and this is really from a poet - at sea, in the trees, jungle, mountain, in the wind, in individuals and material forms, and that one day, all those souls still in the limbo of the existence, will awake in the conscience, and freeing themselves, as pure thought, will see the forms, daughters of illusion, create like a vain dream . It is the great dream of the conscience of everything ". I think that this approach clarifies the question of the essence of things. Thus, in interpreting this cycle "The essence of things," I do not arrogate to go any further nor be any deeper. I am not a philosopher, and I identify myself quietly with the words of Eduardo Lourenço: "we are all the speech of others."

The sub-theme "inhabitable sculptures" is revealed to me as a confessional temple, but also as a terrace dialogue. In it Maria Leal da Costa is exposed as a memoir or a diary. Here we find records of her soliloquy discussions: "questions and answers dwell in us. We are our own dwellings "- will a diary (soliloquy) not be an inhabitable sculpture? In general we look and feel (touch) the sculpture as an opaque material. No one (I admit) imagines living inside it, as if it were a body or a soul!

But, I guess this is the intention of the artistic challenge of Maria Leal da Costa, with the series "The Essence of Things - inhabitable sculptures": to turn them into interrogative and questionable works.

Let us elect brief joys or brief sorrows and be for a moment, by gift, the soul of inhabitable sculptures. Stop, look and listen, and do not be just a body. Before these works let us be quietly focused, and as in an imaginary darkroom, in the darkness of the nothingness let us take part of the alchemical mystery of transmutation of negative into the positive. So let there be light! In this dimension the "house sculptures" are sculptures of undressing and covering, of taking and putting, of baring

thoughts or unfinished works. This cycle is revealed as the carpet of the way extended by the invitation of the artist: "It is a challenge to the emotions of our memories. What do you see from outside? What do you see from inside? What do you see with your eyes? And what do you see with your heart? ". It is a thought and a work addressed to men's look.

Returning to Manuel de Unamuno, the guide of my words, we have in the image the man, " man - it is said - is a rational animal. I do not know why we have not called him an affective or sentimental animal. And perhaps what most distinguishes him from other animals is feeling rather than reason. I have seen a cat reasoning more times than laughing or weeping; it may cry or laugh inside but also, inside, maybe the crab solves quadratic equations. And if so, what should concern us most in a philosopher is the man". This comes to me, because in the work of Maria Leal da Costa, man is revealed in "the essence of things." After all man exists, he has been there since the world began.

Let us accept a deambulation (worth what it is worth): - a wooden cradle (from the old days) supported by two half-moon shaped slats, will it not be an inhabitable sculpture? If we let ourselves fall asleep by this lullaby, perhaps:

*The little star of dawn  
Moved from its place*

*To see the girl  
Waking up*

*And the evening star,  
Trembling, smiling,  
Became a night lamp  
To see her sleeping.*

We have in this example a girl inside a sculptural structure ... dreaming of the starlight that illuminates her home. But also, a flying wicker (from the old days) cabin for boys and girls to learn to walk, can it not be an inhabitable sculpture? A beach shack of wood and cloth, will it not be an inhabitable sculpture? And a haystack, or a nest? A thorn or a spaceship, may they not be inhabitable sculptures? And an art gallery designed by Souto Moura or a minimalist church by Siza Vieira?

In the "essence of things" everything will be interior, the outside world is filthy (wars, hunger, diseases) and the inside world is in-world of passions, emotions and dreams.

In the world in-world - sculptures / viewpoints - Maria Leal da Costa, is reflected submerged in a soliloquy with her work, "they are certain gestures that help me grow in my knowledge and give me the insight to see better how my life is constructed to make me completely happy. (...) Nothing that we have started will be completed. "

But then in the viewpoint of her work, in the waiting of the passing observer, the sculptor develops a colloquium. The walker is invited to inhabit or to quit in *The Essence of Things*, and goes and comes, might not even return; but he learned that "nothing that we have started will be completed."

At the core of "*The Essence of Things*" we are also surprised at the spirit, the thought, the presence / absence of Benedito Espinosa, "that Portuguese Jew who was born and lived in Holland in the mid-century XVII, wrote about everything or every being ". Miguel de Unamuno, regarding Ethics, says: " *quaque que res quatenus in se est, in suo esse perseverare conantur;* (while every thing is in itself, endeavours to persevere in its being), that is, while considered as a substance, since, according to him, the substance is: *id quod in se est, et per se concipitur* (which exists by itself and by itself is conceived)". Thanks to Miguel de Unamuno and Espinosa! I am not a philosopher, nor a critic of art, I just went to the books and in eloquent moments, I did my resting place inside the sculptures of Maria Leal da Costa. I felt in good company.

An inhabitable sculpture looked like a ball of wool, I felt warm and cozy.

Another inhabitable sculpture offered up the image of a segmented and stained grapefruit, I felt fresh and nourished.

An inhabitable sculpture resembled a tunnel, or a CAT scan, I felt wounded and denuded.

A vault of heaven (inhabitable sculpture) unveiled an imaginary Sistine chapel to mark *La fin des temps* - I felt touched.

Thank you, Maria Leal.

## The quadrature of the cycles

Marvão, Quinta do Barrieiro, Reveladas – in the quiet lands of Maria Leal da Costa, if that rooster that crowed by 10 in the morning had not awakened me, maybe I would not have noticed that the gallinacean was within a square, a chicken coop, a fence. In the moment of the frantic call, I repeated to myself: there is a

world inside and one outside, even for the animals (wild or domestic); for us, in our kingdom, forget it, or it will be better not to talk!

We are like a cloth, we have two sides, the right side and the reverse. So, I took the warning of that trumpeter rooster seriously that, not realizing it, dictated loud and clear to the world: - Who hears from outside, sees me inside!

In this place of listening messages, the sound waves that output from that red crest erected as a sentinel and beak at the ready, were projected freely in acoustic circles, crossing hills and valleys, mountains and horizons and, like rings (cycles) remembering again inside the castle of Marvão the celebration of the exhibition "*Four Seasons*" whose reflection text by Carlos Baptista warns: "the elect spaces have in common an introspective ambience and now serve as shelter for a speech, which tells a story of passion, a retrospective of moments of elevation or conflict, inherent to creative process. "

From the lands of Quinta do Barrieiro, Reveladas, the sculptor Maria Leal da Costa departed to the conquest of the castle, and in the emptiness of the full and in the inside of the exterior, all her work sways to unravel as banners in the quadrature of cycles around the water, stone, fire and wind. They are taken by the voice of the poet Nuno Guimarães:

*This will of navigating  
Opened your heart, let you dream  
From the hard stone, graver, alone  
In a chimera, sparkling  
You have made wings of enchantment  
And into the blue, I went to fly*

Poets teach us how to fly, to see things from the outside in, a magic voice that encircles us like a string, hand in hand with the dreams of life, even when it is of hard stone or malleable iron. We all have "an afternoon of blue" said Saúl Dias, this poet brother of José Régio. A "blue afternoon" populates the castle of Marvão, the chapel of Calvário, the Chafurdão, the large cistern, the keep , as the shade of navy blue we breathe in stone.

## Epilogue : dreams to touch ...

In the course of the work of the sculptor Maria Leal da Costa there are neons that infiltrate in the dominant materials. Luminosity, points of light, sprinkling

the gestation of ideas and affections, shape a touchable dream. The work matured in the heat of this light and reached adulthood, babbling murmurs of lightness: " it is enough to see how she is identified, how she smiles when sharing with others the pieces of beauty that she invented".

The work relies on a dream! A dream the colour of marble, bronze, slate, iron or of steel. A touchable dream the "dream stone" in the dark, in the black of night; the rough, smooth, sheer, pink-mottled, brown, ocher and lapis-lazuli, and in that matter, to carry out the magic of creation and beauty, as if repeating to her hearing – the beauty is me and it!

Matter in a dream of touching, which has to be alive and dynamic for our sight, for our feelings. Which has to be streamed of immeasurable desires of possessing an art of light weight and donate it ... to give is lighter than to receive! We the elected are the ones who receive this gift. The work of Maria Leal da Costa is a dream within reach, we can touch it, it did not come from the sea as said by Raúl Brandão " what a scenario this, the sea! Two colours and three simple and sober lines". The dream of the artist is not a scenery, it is sculpture, solid, touchable, three-dimensional (trina and une) full of spirituality.

Sitting on the sands at the "Cabo do Mundo" beach, in these fantasies of butterfly around (search) the work of Maria Leal da Costa, of its meaning and creative itinerary, I went to the voices (catalogues) and in the sweetness of the harvest, I found the water of the salty sea, which was dripping between my fingers (written words) mixed in the streaked vision of the colours of the marble of Alentejo.

In the distant lands of Marvão, the sculptor lives like a trunk of deep roots that force the way, glide out, infiltrate, that move as the branches of a water finder, in the bowels of the earth in the finding of freshness and praise of the aqua-mater, but also the hard stone, the more hardened iron, the alchemical steel.

In this combat with the telluric forces of nature - survival struggle - the work of Maria borns, emerges in space as a kind of "Cirque du Soleil"; light and shadow, dancers, acrobats, horses, masks of viewing (from inside) the world of illusions. Flowers sold at the door, fans offered in the living room and birds on an imaginary perch "It is necessary that the bird sings". On a "bird" beak a string floated drawing the work of Maria Leal da Costa and like a pendulum it marked a gaping time that, vagabond and knight – errant, wanders between the road and the moon!

**A.Cunha e Silva**